

AS PROFISSÕES FEMININAS NO PRINCIPADO ROMANO: PERSPECTIVAS DE ESTUDO A PARTIR DA CULTURA MATERIAL

Gabriela Isbaes¹

Resumo

A pesquisa em desenvolvimento visa compreender as possibilidades de protagonismo feminino no campo profissional durante o Império Romano (séculos I a.C. a II d.C.). Para tanto, são mobilizadas fontes epigráficas e iconográficas da Península Itálica, nas quais buscam-se mulheres de diferentes grupos sociais, a fim de que haja uma abordagem plural acerca do ser mulher na Roma imperial, bem como sobre as possibilidades de atuação dessas na esfera econômica da sociedade.

Palavras-chave

Mulheres romanas; Protagonismo feminino; Arqueologia.

¹ Doutoranda em História – Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6287-4884>. E-mail: gaby.isbaes@gmail.com.

Abstract

The ongoing research aims to understand the possibilities of female agency in the professional field during the Roman Empire (1st century BC to 2nd century AD). For this purpose, epigraphic and iconographic sources from the Italian Peninsula are being mobilized, seeking women from different social groups to provide a pluralistic approach about the women in the Imperial context and their potential roles in the economic sphere of the society.

Keywords

Roman Women; Female agency; Archaeology.

Introdução

Desde a segunda metade do século XX, as narrativas sobre a Roma Antiga encaram um período de reescrita, fundamentado nas novidades teóricas apresentadas pela vertente culturalista da História. Nesse processo, são alargadas as produções sobre o período, que passam questionar a importância dos enfoques até então restritos à história política, às conquistas militares e às fontes literárias. Assim, há uma ênfase em múltiplas temporalidades, localidades, temáticas e personagens, dentre os quais se destacam as mulheres, encaradas agora como peça-chave para a compreensão do mundo romano.

O desenvolvimento dos estudos sobre as mulheres romanas ocorre em diálogo com os feminismos, que no final do século XX procuraram levantar debates acerca da omissão das mulheres na história, a fim de realocar seus lugares nas narrativas e as colocar como protagonistas das mais variadas tramas. Nesse sentido, e em acordo com Lourdes Feitosa (2014: 243-244), é possível afirmar que a inserção das reflexões sobre as personagens femininas no campo historiográfico promoveu não apenas a construção da história das mulheres, mas sim, toda uma revolução no modo de formular o pensamento, que passa a considerar muito mais a multiplicidade – de narrativas, de personagens, de teorias, de abordagens e de fontes para a realização das pesquisas.

Ao seguir tais pautas, hoje consolidadas na historiografia sobre a Roma Antiga, a pesquisa em desenvolvimento objetiva compreender, a partir da análise de vestígios epigráficos e iconográficos, quais atividades profissionais foram desenvolvidas pelas mulheres romanas no espaço urbano. Para a pesquisa, o recorte temporal estipulado foi o que corresponde aos primeiros séculos do Império Romano (I a.C. a II d.C.), haja vista que, nesse período se observa uma maior estabilidade política, conhecida como *Pax Romana*, bem como ocorreram mudanças culturais que ampliaram, até certo ponto, as esferas de participação das mulheres na sociedade (Cantaella, 2016: 424). Dentre elas, podemos considerar a aumento dos casamentos no formato *sine manu*, modelo que permitia às mulheres a gestão de seus patrimônios e, portanto, reduzia o controle de seus maridos sobre essa esfera de suas vidas (Lóven, 2016: 888; Cantaella, 2016: 425).

No que diz respeito à espacialidade, as fontes buscadas pertencem à região da Península Itálica, haja vista a abundância de materiais iconográficos e epigráficos catalogados nessa localidade, o que corrobora com a proposta de mapear diversas possibilidades profissionais para as mulheres romanas. Nesse sentido, cabe evidenciar que não se visa um estudo exaustivo das fontes, ou a compilação de um vasto *corpus* documental orientado para uma única profissão ou personagem, mas sim, a coleta de exemplares que possam atestar a existência de múltiplas formas protagonismo feminino no âmbito profissional na sociedade do Principado. Ademais, o intuito é o de promover uma visão acerca da cultura romana e da forma como eram encaradas as mulheres que atuavam fora do

espaço do lar e dos estereótipos previstos para as matronas, não sendo o objetivo principal realizar um estudo focado na economia da Roma Antiga.

Opta-se pela utilização das fontes arqueológicas, posto que, é por meio delas, que os estudos sobre as mulheres na antiguidade puderam se desenvolver com maior força, tendo em vista o caráter no geral elitista e masculinizante das fontes escritas. Dominic Montserrat (2000: 166) e Sarah Vanderploeg (2016: 23) explicitam que a cultura material não apenas reflete as diversidades de gênero, como também auxilia na construção dessas relações. Ou seja, são materiais que comunicam práticas sociais, relações de poder e discursos. Nesse sentido, os itens que estão sendo estudados na pesquisa, ao fazerem parte do mundo material romano, auxiliaram a refletir e a reforçar as relações de gênero sustentadas nessa sociedade, bem como demonstraram convenções e práticas que moldaram as subjetividades dos indivíduos. Portanto, são fontes necessárias para que alcancemos as tramas cotidianas das mulheres antigas em suas mais variadas nuances (Gaia, 2023: 07).

Apesar da relevância dos vestígios iconográficos, como as pinturas parietais e relevos, para Claudio Carlan e Filipe Silva (2020: 1474), as epigrafias são uma das melhores formas de obter informações sobre as profissões na economia urbana, por nos aproximarem das pessoas comuns e de seus cotidianos. Em diálogo com Pedro Paulo Funari (2008: 88), por fontes epigráficas entendemos “inscrições de todo tipo, monumentais em pedra, mas também cursivas parietais, incisas ou pintadas nas paredes ou nos vasos de cerâmica, estampilhas em tijolos ou ânforas, grafites em todo tipo de suporte”.

Ademais, são mobilizados referenciais teóricos que dialogam com a crítica feminista e com os estudos de gênero voltados à antiguidade. O amparo em tais discussões permite compreender as diversidades nas formas de se subjetivar e de resistir empreendidas pelas mulheres romanas, em meio a uma sociedade que tinha o patriarcado em suas bases. Como as fontes trabalhadas são arqueológicas, as teorias relacionadas à Arqueologia de Gênero também são trazidas, posto que esta defende práticas e análises que valorizam o entendimento da vida das mulheres por meio da cultura material (Spencer-Wood, 2006: 303-304).

As fontes para desenvolvimento da pesquisa estão sendo buscadas em obras de referência sobre o tema, bem como em arquivos disponibilizados em meios digitais. No caso das epigrafias, os registros são encontrados no *Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)*, que consiste em um conjunto de compilações das inscrições em latim, criado em 1847, a partir de uma iniciativa do historiador alemão Theodor Mommsen. Hoje, o *CIL* conta com 17 volumes que, em conjunto, catalogam mais de 100 mil inscrições que compreendem os três diferentes períodos políticos pelos quais é tradicionalmente dividida a história romana. Por sua abrangência temática e territorial, a consulta física ao *CIL* seria um tanto exaustiva. Contudo, dispomos de vários arquivos virtuais com o acervo do *CIL*.

todo compilado, dos quais tem-se optado por utilizar o *Epigraphic Database Roma*². Nesse acervo digital, as buscas podem ser feitas por meio de diversos filtros, que permitem selecionar palavras-chave (temos utilizado palavras em latim que remetem às profissões das mulheres, algumas delas apresentadas na próxima seção), território, temporalidade, além de os resultados trazerem dados de catalogação, transcrições e fotografias das epigrafias escolhidas. Ou seja, por meio dos acervos digitais, há a possibilidade de expansão do acesso à informação e da construção do conhecimento sobre o passado romano (Funari, 2019: 36).

Para os materiais iconográficos da pesquisa, conta-se, do mesmo modo, com acervos disponíveis na internet, sobretudo os de museus que, no geral, fornecem catalogações dos documentos, assim como ocorre a consulta a obras de referência ao tema. Dessa maneira, são buscadas nas fontes, menções ou representações diretas do trabalho feminino realizadas por mulheres de diferentes *status* jurídicos e classes sociais.

Discussão dos resultados parciais

Os estudos sobre a economia romana não são uma novidade na historiografia. Desde o século XIX, temos a presença desse tópico nas discussões desenvolvidas por historiadores interessados no mundo antigo. Ainda assim, de início, e em consonância com as abordagens historiográficas vigentes no período, a análise era pautada nos documentos escritos, por meio dos quais buscava-se compreender qual teria sido a natureza da economia romana. Assim, após a realização de diversas leituras sobre o tema, chegamos à conclusão de que, apesar de muito abundantes, a maioria dos estudos desenvolvidos desde o século XIX até a década de 1990 estiveram voltados à controvérsia Bücher-Meyer, ou seja, ao debate entre primitivistas e modernistas (Andreau, 2015: 101). De forma muito simplista e resumida, para os primeiros, as economias antigas eram arcaicas, visavam apenas a subsistência e não possuíam redes de mercado, sendo que foram Karl Bücher, no século XIX, e Moses Finley, no século XX, seus maiores defensores. Em contrapartida, para os modernistas, que tinham Eduard Meyer e Mikhail Rostovtzeff como figuras de referência, as economias antigas possuíram semelhanças com as economias capitalistas modernas, sendo, assim, verdadeiras economias de mercado (Andreau, 2015: 102-103; Cardoso, 2011: 20, 23; Carlan; Silva, 2020: 1472).

A leitura de referências que discutiam sobre a controvérsia entre os estudiosos da economia romana se deu, haja vista a necessidade de compreender qual era a situação do mercado de trabalho romano durante o Principado, para que, a partir disso, pudéssemos analisar a participação feminina nele. Ainda assim, observamos e concordamos com a tendência dos estudos mais recentes, que se encontram orientados em tecer críticas à controvérsia Bücher-Meyer e a trazer novas interpretações sobre a economia romana. Essas abordagens, como atestado

² Disponível em: <http://www.edr-edr.it/default/index.php>. Acesso em: 03 out. 2023.

por Alan Bowman e Andrew Wilson (2009: 08-09), não no sentido de tomar o Império romano como algo singular, que não pode ser comparado às economias capitalistas atuais. Ademais, os autores concordam que não há como criar uma fórmula única para explicar as relações econômicas desenvolvidas entre os romanos, haja vista a sua vasta existência e territorialidade, as quais pressupõem nuances regionais e temporais nas formas de organização dessas relações. Nesse sentido, poderia ter havido momentos e espaços com economias unificadas, assim como várias pequenas economias em conexão, sendo necessário o estudo de cada caso em particular. Destarte, procuramos priorizar uma abordagem que evidencie o papel dos indivíduos no campo do trabalho, ou seja, que olhe para os cotidianos, para a cultura, para as subjetividades inseridas nessa lógica.

Ademais, a expansão da utilização das fontes arqueológicas, tem mostrado perspectivas muito mais alargadas acerca da economia romana (Cardoso, 2011: 20). Isso porque, ao contrário do que acontece com os registros literários, os quais, no geral, carregam visões masculinas, da elite, e estereotipadas sobre as mulheres, os vestígios arqueológicos permitem adentrar no cotidiano dessas personagens e de tantos outros grupos (Treggiari, 1979: 65). Ademais, apresentam uma maior quantidade de informações sobre a atuação das mulheres no campo profissional, de modo que tem servido como amparo para o alargamento dos estudos nessa área. Por meio delas, atesta-se que, durante o Império, foram várias as atividades laborais desenvolvidas pelas mulheres (Gaia, 2023: 16). Segundo Funari, Carlan e Duprat (2019: 71-72):

A cultura material é o resultado direto do trabalho humano e, por isso, seu estudo se impõe como ponta de lança nas recentes pesquisas sobre a economia romana. Os artefatos e o rico material epigráfico recuperado têm fomentado pesquisas que oferecem um quadro mais representativo das atividades econômicas desenvolvidas.

Pela tendência supracitada, os estudos sobre a Roma Antiga omitiram, durante muito tempo, a participação feminina no setor econômico e profissional (Vanderploeg, 2016: 01). Como atesta Hillary Becker (2016: 916), a visão de que as mulheres desempenhavam poucas funções profissionais entre os romanos está diretamente ligada à ideia contida na historiografia, e que também atinge as opiniões de senso comum, de que os homens deveriam ser os protetores e provedores do sustento da família. Ou seja, eles seriam os encarregados de exercer atividades que gerassem rendimentos ou formas de subsistência. Nessa perspectiva, defendia-se que as profissões domésticas teriam sido as mais apropriadas às mulheres, e a sua participação na economia teria ficado restrita ao espaço da casa.

Por outro lado, por meio das leituras realizadas até o momento, percebemos que as produções acadêmicas que demonstram preocupação com o trabalho feminino na antiguidade romana não são tão recentes quanto se supunha de início. Um dos estudos pioneiros na área é o de Joel Le Gall, que em 1970 publicou o artigo “*Métiers de femmes au Corpus Inscriptionum Latinarum*”, o qual conta com a compilação de algumas inscrições epigráficas romanas que abordavam o trabalho feminino. Uma década depois, Susan Treggiari escreveu “*Lower class*

women in the roman economy", texto que abriu espaço para que os debates sobre as mulheres na economia pudessem se destacar, sendo referência até hoje por sua abordagem das classes subalternas.

Assim, se tomarmos o fato de que os trabalhos supracitados têm cerca de cinco décadas, a tentativa de estudar os ofícios femininos na Roma Antiga pode parecer pouco inovadora. Contudo, a importância em continuar a se debruçar sobre o tema está na perspectiva de alargamento desse campo, por meio da ampliação das fontes e das formas de abordagem. Por isso, se faz necessária a contribuição das epistemologias feministas e de gênero, que ainda não apareciam nos primeiros estudos sobre o assunto, para que haja uma ênfase no protagonismo feminino e na contestação da imagem de que as mulheres se dedicavam apenas a trabalhos domésticos ou relacionados ao cuidado (Berdowski, 2007: 284). Mesmo diante das limitações e hierarquias às quais o seu gênero era submetido, elas conseguiram subverter a essas imposições e servir em uma ampla gama de setores e cargos profissionais na sociedade (Becker, 2016: 924). Ainda, apesar de observarmos estudos abundantes sobre o tema em cenário internacional, constatamos que, até o momento, a pesquisa brasileira na área está em processo de avanço (ver: Duprat, 2017; Silva; Rodrigues, 2021; Gaia, 2023), de modo que há espaço para contribuições como a que se pretende nesse estudo.

Como atestam Susan Treggiari (1979) e Hillary Becker (2016), grande parte das informações sobre as mulheres na economia a que temos acesso advêm das inscrições encontradas em lápides funerárias, sobretudo aquelas pertencentes ao período do Alto Império (séculos I a.C. a III d.C.). Nesse sentido, por meio da análise de algumas epigrafias e pinturas selecionadas até o momento, revisitadas à luz dos debates que permeiam a historiografia atual (Funari, 2008: 88), constata-se uma variedade de profissões desempenhadas pelas mulheres na Península Itálica durante o período romano. Dentre elas, podemos citar: *ornatrix* ou *tonstrix* (cabeleireira), *piscatrix* (vendedora de peixes), *purpuraria* (que trabalhava com púrpura), *negociatrix* (relacionadas aos negócios, comerciante), *lanifcae* e *lanipenda* (que trabalhava com tecelagem, com lã), *sutrix* (sapateira), *paedagoga* (professora, geralmente escravizada), *gemmaria* (joalheira), *medica* (médica), *obstetrix* (parteira), *ungentaria* (perfumista), *vestiaria* (que vendia roupas), entre inúmeras outras (Mano, 2010: 40; Gaia, 2023: 17). Alguns dos exemplos coletados podem ser vistos abaixo, nas inscrições 1 e 2.

	<p>Inscrição 1</p> <p>Identificação: Inscrição tumular. 1-50 d.C. Assisi, Perúgia. Museo Comunale. Dimensões: 666 x 959.</p> <p>Inscrição: <i>Mimisia C(ai) l(iberta) Dionysia sarcinatrics.</i></p> <p>Tradução nossa: Mimisia, liberta de Caio, costureira de Dionisia.</p> <p>Referência: <i>Epigraphic Database Roma.</i> CIL 11, 05437 (1) Disponível em: http://www.edr-edr.it/edr_programmi/view_img.php?id_nr=025387&lang=en. Acesso em: 15 out. 2023.</p>
	<p>Inscrição 2</p> <p>Identificação: Inscrição tumular, mármore. 1-50 d.C. Roma, Via Labicana. Museo Nazionale Romano, inv. 60911. Dimensões: 1455 x 1074.</p> <p>Inscrição: <i>Primilla ornatrix.</i></p> <p>Tradução nossa: Primilla, cabeleireira.</p> <p>Referência: <i>Epigraphic Database Roma.</i> CIL 06, 39481, cfr. p. 4071 (1). Disponível em: http://www.edr-edr.it/edr_programmi/view_img.php?id_nr=072668&lang=en. Acesso em: 15 out. 2023.</p>

Tabela 01: inscrições 1 e 2.

Uma das pretensões do estudo é a de tentar mapear qual o *status* jurídico ou as classes sociais as quais essas mulheres pertenciam, tarefa que tem se mostrado possível, mas difícil. Isso porque, as fontes materiais escolhidas nem sempre apresentam clareza nas informações. No caso das epigrafias, muitas delas contêm, além do nome e da profissão desempenhada pela mulher citada, a sua condição de liberta ou escravizada, o que nos auxilia na compreensão da questão jurídica. Ainda assim, existem aquelas que não trazem esse tipo de informação, de modo que, em um primeiro momento, seríamos tentados a colocá-las como mulheres livres, o que não é correto, pois quem realizou a inscrição pode ter desejado ou achado pouco importante informar a situação da pessoa homenageada, de modo que seria equivocado fazer suposições. Nesses casos, é preciso analisar outras informações contidas nessas inscrições, bem como o contexto na qual foram encontradas, os quais tem ajudado a identificar uma maior quantidade de dados.

Nas pinturas, a diferença entre classes sociais fica mais evidente por meio da observação das vestimentas, dos ambientes e das interações que as personagens fazem entre si, as quais denotam diferentes tipos de relações. Contudo, nesse caso, também é difícil atestar qual teria sido o *status* jurídico das profissionais

retratadas, e até mesmo os dados de catalogação, que poderiam auxiliar na compreensão das figuras e do contexto de achado dos materiais iconográficos, nem sempre estão completos.

Cabe ressaltar que, algumas profissões, mesmo que existentes, são pouco mencionadas nas inscrições e na cultura material de forma geral, como é o caso das donas de tavernas, das musicistas e das prostitutas (Becker, 2016: 916; Vanderploeg, 2016: 23). Isso se deve ao fato de que tais profissões carregavam um grande estigma social, de modo que expor não era interessante para a imagem pessoal (Treggiari, 1979: 70). Todavia, como pretende-se abarcar as diversas camadas sociais da sociedade romana e as diferentes profissões femininas, os ofícios mais estigmatizados também estão sendo buscados nas fontes utilizadas no estudo. Neste caso, por exemplo, algumas pinturas encontradas no Lupanar, considerado um dos prostíbulos do sítio arqueológico de Pompeia, têm se mostrado frutíferas em trazer percepções acerca das profissionais ligadas ao sexo (Imagem 01), assim como grafites do mesmo local, que mencionam o envolvimento das mulheres nessa profissão (ver Feitosa, 2005).



Imagem 01: cena de encontro amoroso. Lupanar do sítio arqueológico de Pompeia (VII, 12,18)

Ademais, é importante refletir sobre as motivações que teriam levado as mulheres a desenvolverem atividades profissionais. De acordo com Deivid Gaia (2023: 19), ao final da República e no início do Império, as mortes causadas pelas guerras civis empreendidas por Roma na busca por novos territórios, levaram a um decréscimo na quantidade de homens entre a população. Isso fez com que as mulheres passassem a ter que gerir seus próprios patrimônios e até mesmo a desempenhar funções remuneradas para garantir o sustento de suas famílias. Ainda assim, se seguíssemos apenas por essa lógica, estaríamos mais uma vez reforçando a ideia de que apenas os homens eram os responsáveis pelo sustento familiar, ao passo que ficariam as mulheres ligadas ao cuidado do lar. Essa, contudo, poderia não ser a realidade das mulheres menos abastadas, que precisavam auxiliar na complementação dos rendimentos, em vista da subsistência familiar. A motivação também poderia vir do desejo dessas mulheres em gerir seus bens e ter maior autonomia financeira. Vindas de diferentes camadas da sociedade, cada uma dessas mulheres teve motivos muito particulares que as levaram a buscar a vida profissional, assim como os empregos e atividades que aceitavam desempenhar.

Considerações finais e horizontes de pesquisa

Até o momento, atesta-se que as abordagens defendidas pela historiografia atual acerca da economia romana têm trabalhado no sentido de superar o foco nos entraves entre primitivistas e modernistas, voltando-se ao diálogo com os estudos culturais e com a diversidade de abordagens sobre o tema. Ademais, em diálogo com as epistemologias feministas e de gênero, tem-se reconhecido o papel das mulheres nesse campo, assim como a variedade de profissões as quais essas poderiam ter se dedicado e as suas possibilidades de protagonismo.

Mesmo que não neguemos a existência do patriarcado nas configurações sociais romanas e a imposição de certos padrões comportamentais às mulheres dessa sociedade, desejamos enfatizar também as possibilidades de subversão da norma exercidas por essas personagens. Assim, para Gaia (2023: 10), não nos cabe tecer o papel das mulheres como vítimas da história e da historiografia que as omitiram. Em contrapartida, devemos enfatizar seus protagonismos, atuações, resistências e construções ao longo de todo esse processo.

Para o futuro da pesquisa, prevê-se o alargamento da quantidade de materiais selecionados, bem como a organização e análise detalhada destes, para que se possa traçar, com maior fundamentação, o papel desenvolvido pelas mulheres no campo profissional. Assim, pretende-se demonstrar como eram variadas as suas formas de atuação nessa esfera e como, por meio disso, é possível contestar as narrativas tradicionais acerca das figuras femininas romanas.

Referências bibliográficas

- ANDREAU, Jean. A economia romana era uma economia de mercado? *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, 2015, p. 99-116.
- BECKER, Hilary. Roman women in the urban economy. Occupations, social connections, and gendered exclusions. In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (Orgs.). *Women in antiquity. Real women across the ancient world*. Londres: Routledge, 2016, p. 915-931.
- BERDOWSKI, Piotr. Some remarks on the economic activity of women in the roman empire: a research problem. In: BERDOWSKI, Piotr; BLAHACZEK, Beata (Orgs.). *Haec mihi in animis vestris templa: studia clássica in memory of Professor Lesław Morawiecki*. Rzeszów: Institute of History at The University of Rzeszów, 2007, p. 283-298.
- BOWMAN, Alan; WILSON, Andrew. Quantifying the Roman Economy: integration, growth, decline? In: BOWMAN, Alan; WILSON, Andrew (Orgs.). *Quantifying the Roman Economy. Methods and problems*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 03-84.

CANTAElla, Eva. Women and patriarchy in Roman Law. In: PLESSIS, Paul J.; ANDO, Clifford; TOURi, Kaius. *The Oxford Handbook of Roman Law and Society*. Oxford University Press: Oxford, 2016, p. 420-431.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Existiu uma "economia romana"? *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 01, 2011, p. 15-36.

CARLAN, Claudio Umpierre; SILVA, Filipe Noé. O protagonismo da cultura material nos estudos sobre a economia romana antiga: propostas e interpretações. In: REVILLA CALVO, Víctor et al. (Orgs.). *Ex Baetica Romam: homenaje a José Remesal Rodriguez*. Edicions de La Universitat de Barcelona: Barcelona, 2020, p. 1471-1484.

DUPRAT, Paulo Pires. Trabalho feminino na hispânia romana: preconceitos e resgates. *Hélade*, Rio de Janeiro, v. 03, n. 03, 2017, p. 107-129.

FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. Teoria da História e questões de gênero na Antiguidade Clássica. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (Orgs.). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2014, p. 239-256.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CARLAN, Claudio Umpierre; DUPRAT, Paulo Pires. *Arqueologia e economia antiga no Mediterrâneo: das origens à dominação romana*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Os desafios do passado a um toque. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 32, 2019, p. 33-40.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Fontes Arqueológicas. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 81-110.

GAIA, Deivid Valério. Mulheres, economia e finanças na Roma Antiga: desafios antigos e questões atuais. *Archai*, Brasília, v. 33, 2023, p. 2-38.

LE GALL, Joel. *Métiers de femmes au Corpus Inscriptionum Latinarum*. Revue des Études Latines, 1970, p. 123-130.

LÓVEN, Lena Larson. Roman motherhood. In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (Orgs.). *Women in antiquity. Real women across the ancient world*. Londres: Routledge, 2016, p. 885-894.

MANO, Sarah. Contrepoin. Identités féminines/identités professionnelles: la désignation des métiers de femmes dans la Rome ancienne. In: HANNE, Georges; LARIVIÈRE, Claire Judd de. *Noms de métiers et catégories professionnelles*.

Acteurs, pratiques, discours (XV siècle à nos jours). Toulouse: Presses universitaires du Midi, 2010, p. 21-40.

MONTSERRAT, Dominic. Essay six: Reading gender in the Roman world. In: HUSKINSON, Janet (Org.). *Experiencing Rome. Culture, identity and power in the Roman Empire*. Londres: Routledge, 2000.

SILVA, Filipe Noé; RODRIGUES, Catarina de Faria. Mulheres alforriadas e o trabalho no Império romano: uma leitura a partir da epigrafia latina. *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade*, Campinas, n. 37/38, 2021/22, p. 74-93.

SPENCER-WOOD, Suzanne M. Feminist research in Classical Archaeology. In: NELSON, Sarah Milledge (Org.). *Handbook of gender in Archaeology*. Berkeley: Altamira Press, 2006, p. 295-329.

TREGGIARI, Susan. Lower class women in the roman economy. *Florilegium*, New Brunswick, v. 01, 1979, p. 65-86.

VANDERPLOG, Sarah M. *The Real Housewives of Ancient Rome: Evidence for the Economic Contributions of Women*. Dissertação (Mestrado em Artes Clássicas), University of Western Ontario, Ontario, 2016.